

REVISTA THEATRAL

2.^a Serie — Anno II

Lisboa, 1 de novembro de 1896

2.^o Vol. — Num. 46

CELEBRIDADES ESTRANGEIRAS



ELEONORA DUSE



DA INFLUENCIA DO THEATRO

SOBRE A CLASSE OPERARIA

ESOPO, o fabulista, era escravo, como sabem, e tinha por senhor o philosopho Xantus. Philosopho e fabulista faziam juntos um curioso *ménage*. Não escapava ao escravo o menor ensejo de mystificar o amo e nem por isso este se zangava muito com essas mystificações. Para alguma cousa, se vê, lhe havia de servir a philosophia. Um dia pois, que Xantus quiz dar de jantar a alguns amigos mandou Esopo ao mercado, com breve recommendação de que «lhe trouxesse o que de melhor por lá encontrasse.»

Esopo só comprou e só pôz na mesa linguas.

Não foi mal recebido o petisco, de começo; mas bem depressa os comensaes acharam, se bem que o não dissessem, pouca variedade no jantar; Xantus, porém, como dono de sua casa e queixando-se em nome dos seus convidados é que o berrou em alta e bella grita.

Descompostura no Esopo; mas este relembrando a ordem recebida provou com as melhores razões que a lingua é o traço de união de toda a sociedade, que sem ella não existiria nem a sciencia, nem o estudo, nem a oração, nem as leis e que enfim a cousa melhor que no mundo havia era a lingua.

Não teve o philosopho outro remedio senão o de calar-se.

Mas como havia uma desforra a tirar em favor dos seus hospedes, e em seu proprio pediu a todos para que voltassem no dia seguinte e

mudando o *ménu* em uma só palavra ao Esopo recommendou que «lhe apresentasse a peor cousa que houvesse».

No dia seguinte Esopo de novo serviu só linguas e por outras tantas bellas razões provou que da lingua nascem as teimas e as querellas, que é, a lingua, a mãe dos conselhos maus, da mentira e da calúnia e que n'uma palavra, era tudo o que de peor haver podia.

Não quiz Xantus mais desforras. Com esta se ficou.

O theatro é como a lingua. Nada ha melhor de que o theatro, quando elle é bom; nada peor ha do que theatro, quando elle é mau.

Em primeiro lugar o theatro tem, quer seja para o bem quer seja para o mal, a força persuasiva da lingua e do discurso. Tem ainda a mais, além d'aquillo qua fala ao espirito pelo ouvido, aquillo que, pelos olhos, lhe fala tambem. Assim, a representação theatral não é só o jogo mais delicado e mais completo da palavra mas junta tambem á palavra viva, o encanto e o prestigio de todas as outras artes.

Ou ella queira arrancar do espectador a lagrima ou o riso, para a alegria o prepara ou para a tristeza, com o rythmo delicado dos instrumentos que gracejam ou com os mysteriosos queixumes de uma symphonia.

Levanta-se o panno; succede á musica a pintura e por um outro effeito de magia, aos olhos se patenteiam os vastos horisontes da paisagem ou as perspectivas sábias da architectura.

E' a arte do machinista que dá movimento a este mundo artificial, que encapella ou alisa a vaga marinha, que faz fluctuar o navio sobre as ondas de espuma branqueada pela lua que sóbe brilhante.

E' a arte do desenhador, é a arte do costureiro que resuscita uma epocha, improvisa uma corte, um povo, um exercito.

E' a arte da dança e do canto que tambem acha sempre logar ao lado de tão diversos elementos e mesmo fóra das scenas lyricas.

E' a arte do comediante, a pessoa d'elle, o homem, emfim, que apparece no meio de todos estes prestigios, completando-os pela realidade e tambem pela illusão dos caracteres, das diversas profissões e das paixões levadas á mais perfeita das verosimilhanças.

Luctem quanto quizerem; quando este conjuncto se realise harmoniosamente é difficil resistir a um tão grande numero de impressões reunidas.

O effeito seria já poderosissimo se actuasse sobre um só espectador em particular, mas actua ao mesmo tempo sobre dois mil espectadores, sobre uma assembléa sympathica, atenta, impregnada da mesma alma, em que nenhuma commoção se divide senão multiplicando-se.

Assim excitados uns pelos outros, os espiritos entregam-se ao encanto commum que os seduz. As imaginações mais rebeldes a impressionarem-se são victimas da illusão; o que fará então quando se trate d'aquelles que não se defendem, imaginações vivas e promptas, generosas, avidas de conhecer e de serem impressionadas e convencidas; as imaginações — terei necessidade de o dizer? — da classe operaria.

E' para ellas que o encanto do theatro é um encanto completo, para ellas que o drama vive e palpita, que a acção é uma acção real. Istantanea no meio da qual um incidente novo ainda se pôde produzir, onde o proprio espectador pôde intervir, sustar com um grito o braço do assassino levantado sobre a victima, e desmascarar com a sua presença uma odiosa intriga.

Admiravel publico este — perguntem-n'o a todos os actores — que não se julga com o dever de para si mesmo fazer critica e que se associa ás paixões do drama, accetando-as sem reserva e participando pessoalmente d'ellas!

E o que ha de mais singular é que justamente no instante em que elle mais crê na realidade

do que diante d'elle se representa, no instante em que mais perdido tem o sentimento do artificio que o illude, esse instante é justamente aquelle em que a sua admiração mais augmenta por esse mesmo artificio. Como o sonhador que sonha e sabe que sonha esquece o theatro experimentando em si todas as commoções de que vê a imagem; lembra-se, se a isso se chama lembrar-se, admirando o comediante que lh'as communica e que entretanto não lh'as communica sem se fazer esquecer a si proprio.

O comediante sympathico e apaixonado é o Deus da multidão entusiasta. Tem-n'a suspenza das suas palavras, do seu silencio, do seu gesto, do seu olhar.

Arrasta-a, leva-a comsigo e ella segue-o tão alto quanto elle subir.

Desce, segue-o ella, e se mais se abaixa, ainda ella o segue.

Este é um dos perigos d'esta maravilhosa influencia.

As massas só admiram o que é grande. Repellem o que é pequeno. Mas se um grande artista toma a peito perturbar-lhe a consciencia, se se parodia a si mesmo, trocando o calor d'alma pela ironia, renegando os altivos sentimentos de que é interprete, como poderão elles reconhecer o laço que lhes arma e livrarem-se de cahir n'elle?

Já nós vimos um d'estes extravios do talento.

Ha de haver quarenta annos appareceu ahi um melodrama de especie ordinaria. Na vespera da primeira representação, os actores, dois d'elles, não tendo a menor esperança na peça, imaginaram, ao menos, proporcionar-lhe uma quéda alegre. Para isso metteram a ridiculo os seus papeis e por uma phantasia da fortuna theatral que tambem ria sem duvida do caso, a quéda esperada transformou-se n'um successo doido. Successo d'escandalo. Não precisamente o successo que os auctores esperavam, mas que lhes importava isso? Um successo accetado sempre. N'uma palavra, os dois papeis assim encarados, depois de terem salvado a peça, acabaram por constituir a peça inteira, uma peça improvisada todas as noites, augmentando ao acaso e ao sabor da representação; melhor ainda! tornaram-se duas figuras vivas esses personagens, dois typos reconheciveis ainda hoje pelo espirito, pela fôrma, pelo fato; o ladrão que conserva um resto d'elegancia degenerada e o subalterno seu cumplice que segue admirado

o heroe; o malfeitor de calça encarnada e o asino d'algebeira falsa; Roberto Macario, emfim visto que é forçoso nomeal-o, o Orestes de estrada e Bertrand o seu miseravel Pylades.

Mais tarde veiu a caricatura e tomou posse d'estes dois typos.

Continúa

EDMOND THIERRY.



REVISTA DOS THEATROS

THEATRO DE D. MARIA

24 de Outubro

OS INTIMOS¹

Comedia em 4 actos de V. Sardou, traducção do sr. Corrêa de Barros

De ha muito que hesitamos sobre o cabimento que nas columnas da nossa *Revista* devemos dar á analyse e descripção de tantas peças velhas que os nossos theatros estão explorando á tonta. Se isto não se applica aos *Intimos*, de que vamos tratar, porque é effectivamente esta uma *reprise* de valor, ainda que ha poucos annos fosse representada no Gymnasio com certo exito pecuniario—coisa de que ninguem parece lembrar-se preferindo remontar-se eruditamente á primeira representação n'este mesmo theatro com os actores d'esse tempo—sirva de nossa desculpa para o silencio que guardamos ácerca de tanta *reprise* que por ali se faz, com intuitos mais ou menos especulativos e em que se explora confrontos d'actores armando á curiosidade de publico, que não ás exigencias da Arte, a perfeita inutilidade de analyses e de discussões para peças que não merecem o tempo que se gasta a vel-as.

Os *Intimos* que hoje alguns criticos accusam menos pensadamente de peça pueril, de velhas molas e sem interesse, é uma comedia satyrica de valor real e cujos typos, embora estudados n'um meio especial são entretanto acceitaveis e reconheciveis o que não succede em outras tantas peças de nomeada. Se na sua construcção, na insistencia com que são apresentados os traços essenciaes dos seus caracteres vemos a

prova de que o auctor contava pouco com a sagacidade do publico para o comprehender à *demi mot*, é preciso que nos lembremos de que os *Intimos* é uma comedia escripta ha quatro dezenas d'annos e que não a critiquemos por processos d'hoje, uma vez que a peça não adeantou comnosco. Será pueril, serão banaes os seus processos, mas havia um recurso facilissimo a pôr em pratica para não enfadar os criticos exigentes e de que ninguem ao que parece, se lembrou a tempo: era o de não a representar. Desde que a vemos em scena, desde que sabemos quando foi escripta, se não a acceitamos assim não é ao auctor que devemos pedir contas: o melhor seria mesmo não as pedir a ninguem lamentando apenas não ter nascido quarenta annos atraz.

Mas, o proprio auctor reconheceu que a sua peça não estava já no gosto do publico actual, e a prova é que para uma *reprise* recente que a peça teve em Paris, no *Vaudeville* se a memoria me não falha, elle expontaneamente a remodelou.

Ora o que eu suppunha era que a empreza do theatro de D. Maria ao affixar os seus cartazes para a primeira representação (n'esta epoca) da peça de Sardou, apresentava aos seus espectadores, a comedia com as alterações importantes que o auctor modernamente lhe fez e não o velho cartapacio do seu archivo... archivo a que, se quizessem recorrer, lhes forneceria peças velhas de muito mais merecimento, mesmo sem quererem sahir do repertorio d'este auctor, como por exemplo *Nos bons villageois* traduzido por Pinheiro Chagas com o titulo *Conspiração na aldeia*. Não o fez e ali está uma culpa que é só d'ella a pezar sobre o auctor, que para mais, foge de todo á censura desde que antes dos remosques da critica lisbonense já elle proprio a tinha feito. Mas pondo de parte todas estas observações que me foram suggeridas pelo que ali se tem dito, nunca as *reprises* de D. Maria sejam peores que a dos *Intimos* de Sardou.

A peça não tem enredo que contar. Nasce da situação comica ainda que permanente, em que se encontra um homem em cuja casa se reu-nem uns individuos que se dizem seus amigos e que abusam da sua credulidade, um pouco exaggerada, a meu ver. D'esses typos, Augusto Rosa encarregou-se do papel do dr. Tholozan, o principal da peça, e que elle desempenha primorosamente, como lhe acontece sempre que se encarna em papeis proprios da sua indole artistica, que é esta e não outra, pense elle embora muito ao contrario d'esta minha opinião.

E' um perfeito *raisonneur* no genero dos Jalin—e não dos Desgenais, como erradamente chamam sempre a esta ordem de personagens.

João Rosa foi o Caussade, que não é uma das suas melhores creações. Embora este personagem tenha de ser um pouco ingenuo e *bon-*

¹ PERSONAGENS.—Dr. Tholozan: Augusto Rosa.—Causade: João Rosa.—Marecat: Ferreira da Silva.—Vigneux: Augusto de Mello.—Abdallah: Antunes.—Mauricio: C. Oliveira.—Raphael: Alves.—Lancelot: A. Santos.—La Richaudière: Bayard.—Cecilia: Rosa Damasceno.—Joseph: Emilia Lopes.—Marianna: Laura.—Joanna: Delphina.

homme para tornar os outros admissíveis a verdade é que entre a bonhomia e a imbecilidade ha um longo caminho a percorrer, caminho que João Rosa por vezes fez percorrer a Caussade.

Ferreira da Silva vinha muito bem caracterizado no papel de Marecat, e disse-o magnificamente quasi todo; mas como entre as scenas que fazia natural e desprendidamente algumas vezes se lembrava de fazer realçar os seus ditos fazendo *un sort* a cada um, está explicada a minha restricção.

Augusto Antunes deu ao zuavo Blidah umas exuberancias de voz e de movimentos que em rigor se poderão aceitar, mas que eu preferiria mais amenisadas.

Augusto Mello achou um excellente typo para o seu personagem. Muito bem estudado e muito bem apresentado o seu papel foi a alegria da platéa.

Em Rafael o actor Henrique Alves foi tambem justamente applaudido.

Santos e Bayard, as duas testemunhas do duello, muito correctamente.

Resta falar do debutante, o actor Carlos d'Oliveira que pela primeira vez viamos em D. Maria. O physico é aproveitavel, a physionomia é animada, mas o seu grande defeito é a dicção. Não sabe a primeira palavra da arte a que quer dedicar se, o que se á primeira vista parece uma censura não é senão uma observação que pôde redundar em seu beneficio. Começar estudando agora, se o quer fazer com amor e vontade aproveitando as lições de casa, tornar-se-lhe-ha muito mais proficuo e facil do que entrar carregado de vicios e defeitos de que tarde ou nunca se desembaraçaria.

As mulheres pouco tem que fazer n'esta peça. Rosa Damasceno e Emilia Lopes foram bem, Laura Cruz e Delphina satisfactoriamente.

A traducção é boa, como a de toda a gente que sabe. o seu francez, e má como a de toda a gente que não está a par da linguagem theatral moderna.

COLLARES PEREIRA.

THEATRO DA TRINDADE

16 de Outubro

A GATA BORRALHEIRA ¹

Magica em 3 actos e 16 quadros do sr. Joaquim A. d'Oliveira
com musica de Frondoni

Não foi feliz com a *reprise* da *Gata Borrallheira* o sympathico empresario Sousa Bastos.

¹ PERSONAGENS.—*Florisberto XXIX*: Alfredo Carvalho.—*O Principe Encantador*: Palmira Bastos.—*O Intendente-mór*: Queiroz.—*O Marquez do Castello Flamante*: Augusto.—*O Manjerico*: Roldão.—*Tromb-Alk-Azar*: Correia.—*O duque das Ameias de Ouro*: Ricardo.—*O conde da*

E se não foi feliz com a *reprise* da peça, menos feliz foi ainda com a *reprise* da idéa de convidar gente para lhe ir ver o ensaio geral. Não lhe serviu de emenda o que ha annos aconteceu com o *Reino dos homens* e, como então, a delicadeza e o cavalheirismo de Sousa Bastos se alguma cousa lhe trouxe foi apenas umas censuras a mais e uns dinheiros a menos. Decididamente os criticos — visto que de criticos se trata e que ha entre elles summidades, (como o da *Tarde* afirma que ha entre os amadores de Mercedes Blasco) — gostam muito menos de uma peça quando gentilmente são convidados a velado que quando, com falas mansas, para isso mendigam um bilhetinho.

Tambem o amavel empresario se não esqueceu de nós e muito lhe agradecemos o convite que crêmos sincero. Não fômos. E não fômos porque, ou essa recita é devida á critica, como no estrangeiro, e então não ha favor em assistir a ella, ou é a gentileza delicada de um artista nosso amigo e não ha então o direito de dizer mal o que nos é offerecido. Com respeito á empreza, isto. Agora, com respeito aos convidados: aceitar o convite por gratidão, vir para fóra dizer mal por dever (!) e vender, por dinheiro, á porta o bilhete que lhe deu preferencia sobre quem lh'o compra por especulação, é um indecoro que indevidamente recae sobre todos os que n'essa noite enchiam o theatro visto como se o amphitrião tinha já, por observação flagrante, exigido a assignatura no recibo do convite, se esqueceu de tambem a fazer pôr sobre as senhas dos entreactos. Esse terrivel anonymato pesa sobre todos que não se fizeram animatographar de minuto a minuto até findar o espectáculo. Não é para estas coisas o nosso

Serra Nevada: Leroy.—*O barão do Cysne Escarlate*: Mario.—*1.º Notavel*: Franco.—*O mestre de sala*: Silva Carvalho.—*Um pagem*: Augusta Martins.—*Florina*: Rosa Paes.—*A morgada de Valle de Pavões*: Amelia Barros.—*Amalthea*: Maria Costa.—*Delmira*: Emma d'Amorim.—*A Fada dos Pyrilampos*: Julia de Castro.—*Calyope*: Estephania.—*Duqueza das Ameias de Ouro*: Claudina.—*Baroneza do Cysne Escarlate*: Elvira Roque.—*Condessa da Serra Nevada*: Aurelia.—*Lettra A*: Amelia Leite.—*Lettra E*: Cecilia.—*Lettra I*: Guiomar.—*Lettra K*: Hortense.—*Camponezes, camponezas, fidalgos, os cinco sentidos, arautos, pagens, notaveis, princezas, diabos, gnomos, fadas, cosinheiros, genios, archeiros, porta-machados, córte do amor, ursas, as 25 letras do alphabeto, etc.*

TITULOS DOS QUADROS.—*1.º*: O casamento do marquez.—*2.º*: Os 5 sentidos.—*3.º*: A gata borrallheira.—*4.º*: O baile no paço.—*5.º*: O chapim de crystal.—*6.º*: Os sonhos de amor.—*7.º*: A noite de sortilegios.—*8.º*: A mansão das luzes.—*9.º*: A mulher deve bater no marido?—*10.º*: Turbilhão de prodigios.—*11.º*: A montanha de fogo.—*12.º*: A fada dos pyrilampos.—*13.º*: As mil e uma princezas.—*14.º*: O valle da torrente maldita.—*15.º*: Trabalhos domesticos.—*16.º*: Regiões encantadas.

Mise-en-scène do actor Joaquim Costa, musica ensaiada pelo sr. Miguel Gomes, scenario todo novo pintado pelos srs. Eduardo Machado e Augusto Pina, machinismos do mestre José Gomes e Julio Rochá, guarda-roupa do sr. Carlos Cohen, adereços do sr. Eduardo Valdez, bailados ensaiados pela 1.ª bailarina madame Zambelli.

pobre paiz! Entretanto quasi se deseja a implantação do costume se a critica contar sempre, como agora, a verdade do que viu. A peça está completamente fóra de moda. Não que o conto se não preste sempre a um magnifico espectáculo quando para isso se empreguem á larga os capitaes, mas a linguagem precisa de ser a sabor de quem a escuta e a do sr. Oliveira está velha e usada a ponto de chegar a aborrecer. Para mais, não fez bem á peça o reclamo enorme apregoado ao guarda-roupa que é mesquinho e mal combinado, nem ao scenario que é visto e mau.

Dos artistas, apresenta Augusto um bello typo, Palmyra Bastos cantou com mimo e afinada umas coplas que o publico applaudiu a medo e Carvalho fez rir com a pilheria particular que o publico, e nós tambem, achamos graça em permittir-lhe.

Das scenas novas não falemos, nem do novo panno que é um horror! Positivamente horrivel, e com a aggravante de ser pintado por um rapaz que mostra aptidão, que tem algum estudo e que se demorou em Paris onde raro veria um panno que não fosse de roupagens e só de roupagens. E, summariamente, sem sermos pintores, lhe lembraremos o porquê do que avançamos: 1.º porque sendo tela para estar largo tempo exposta em observação fixa, só pode ser uma obra prima para não parecer um mamarracho e que, n'esse caso, quantos mais assumptos tiver para observar mais assumptos tem para o espectador criticar; 2.º porque o panno deve ser sempre escuro, para não cançar a visualidade, para fazer realçar a scena, e para que não pareça a continuação d'ella quando desce; 3.º porque um panno é um panno e só um panno deve representar, e que os pannos pintados não são mais do que o meio economico de não encobrir a scena com roupagens verdadeiras como o anno passado se viram no theatro da Rua dos Condes e se usam em todos os grandes theatros lá de fóra. Não insistamos. Se fossemos o scenographo ainda iam correr as cortinas que fingem arrepanhadas e que são a coisa unica que o panno tem de supportavel.

«Gosto da simplicidade na composição dos pannos de bocca, diz um critico competente. Não tendo esta tela outro fim que não seja o de encobrir da vista do espectador os trabalhos preliminares da representação, trabalhos que, feitos á vista, lhe prejudicariam a illusão, a outra coisa não deve pretender senão a isso o panno de bocca.»

Ha em theatros francezes bem conhecidos de nós alguns pannos (poucos) com figuras — a Comedia Franceza tem dois se bem nos lembra — mas esses pannos são allegoricos, apenas reservados para as grandes commemorações e para taes casos, como é natural, elles são obras primas dos mestres pintores mais celebrados.

THEATRO DO PRINCIPE REAL

18 de Outubro

O DOMADOR DE FÉRAS¹

Drama em 5 actos e 6 quadros de Dennery,
traducção do sr. Salvador Marques

Reprise de um dramalhão velho. Actores principiantes com muito bons desejos mas sem darem por emquanto ensejo á menor exigencia. Elisa Aragonéz e Santos Junior são aproveitáveis.

*

28 de Outubro

BELDEMONIO:

Opera comica em 3 actos imitação por Jorge de Mendonça
e Angelo de Castro, musica de Alvarenga

Outra *reprise* de uma opereta tambem velha. Traducção de um mau *libretto* com musica postíca má, substituindo a franceza que, sem ser muito boa, se lhe vantaja entretanto. Os mesmos actores principiantes sempre com melhores desejos mas que continuam a não dar ensejo á mais pequena exigencia.

¹ PERSONAGENS: = *Marqueza de Guerande*: Elisa Aragonéz. — *Marie Gerard*: Carolina Santos. — *Clotilde Ferand*: J. d'Assumpção. — *Mardoche, domador*: Luciano. — *Almirante Navarins*: A. Torres. — *Jorge d'Arbley*: Miranda. — *Leonel Marsay*: Luiz Ramos. — *Chamboran, degredado*: Mesquita. — *Francinet*: Salvador. — *Borboleita, degredado*: Santos Junior. — *Giroflé, degredado*: H. Oliveira. — *Duprat*: H. Peixoto. — *Jeronymo*: J. Silva. — *Tenente*: C. Marques. — *Um guarda*: Moreira. — *Um creado*: Silva. — *Officiaes, soldados, guardas, povo, degredados, degredadas, agentes da justiça, etc.*

TITULOS DOS QUADROS: = 1.º *O roubo do testamento*. — 2.º *Os degredados*. — 3.º *O casamento do Domador*. — 4.º *A embuscada*. — 5.º *Pomba e Leão*. — 6.º *O castigo*.

Mise-en-scène do sr. Salvador Marques, guarda-roupa do sr. Carlos Cohen e montagem scenica do sr. Pedro Castello.

² DISTRIBUIÇÃO: = *Beppo (Beldemonio), caçador furtivo*: Carolina Santos. — *D. Bulindana e Frangipana, governador*: Miranda. — *D. Marilio, seu filho*: Elvira de Jesus. — *Tivolino, camponez*: Santos Junior. — *Carminola, caçador furtivo*: Mesquita. — *Bonina, barbeira*: Isabel. — *Navalheta, barbeiro, tio de Bonina*: A. Salvador. — *Francisco, estalajadeiro*: Peixoto. — *Pé Vermelho, aldeão*: Henrique. — *Saltarello, chefe dos guardas*: João Silva. — *Tartarino, aldeão*: Raposo. = *Senhores, senhoras, caçadores furtivos, aldeãos d'ambos os sexos, barbeiros, freguezes, guardas florestaes, creados, convidados, etc.*

DELAUNAY

GOT

MAUBANT

da COMEDIA FRANCEZA

no proximo numero.

EPHEMERIDES DO MEZ DE OUTUBRO

- 3 — **Theatro de D. Maria**: Inauguração da epocha 1896-97 com o drama *João José*.
- 7 — **Theatro do Gymnasio**: *Um apostolo de Kuhne*, comedia n'um acto, original do sr. D. Thomaz de Mello. Pag. 323.
- 12 — **Theatro do Gymnasio**: *A carteira de D. Pepito* comedia em 3 actos de Emilio Mario filho, traducção do sr. Leopoldo de Carvalho. Pag. 322.
- 16 — **Theatro da Trindade**: Inauguração da epocha 1896-97 com a *reprise da Gata Borralleira*. Pag. 337.
- 18 — **Theatro do Principe Real**: *O domador de feras* drama em 5 actos e 6 quadros de Dennery, traducção do sr. Salvador Marques. Pag. 338.
- 24 — **Theatro de D. Maria**: *Os Intimos* comedia em 4 actos de V. Sardou traducção do sr. Corrêa de Barros. Pag. 336.
- » — **Colyseu dos Recreios**: Inauguração da epocha 1896-97 com uma companhia equestre dirigida pelo sr. Enrique Diaz.
- 28 — **Theatro do Gymnasio**: *Entre doutores* comedia em 1 acto, traducção do sr. Leopoldo de Carvalho.
- 29 — **Theatro do Principe Real**: *Beldemonio*, operacomica em 3 actos imitação pelos srs. Jorge de Mendonça e Angelo de Castro, musica do maestro F. Alvarenga. Pag. 338.

CORRESPONDENCIAS

DE MADRID -- Octubre, 22.

El vivo retrato. — *El subsecretario*. — En el Español. — *La marcha de Cádiz*, y varios fracasos.

Antes de que Ricardo de la Vega, Luceño, Búrgos y Vital, escribieran obras originales inspiradas en nuestras costumbres; las imitaciones ó las traducciones del francés se sucedían en el teatro con harta frecuencia, con tanta, que casi nadie discurría por su cuenta una mala piecezilla. Les era más comodo á los autores maltratar á los literatos de allende los Pirineos tomándoles sus producciones, que inventarlas observando la vida de este pueblo tan original en sus usos. La manía continua, á pesar del esfuerzo hecho por los ingenios citados, sin advertir que las traducciones tienen un límite. Entiendo que debemos conocer los escritos de verdadero mérito que producen los literatos de otros países, para encontrar una orientación que nos permita ensanchar la esfera reducida del teatro y la novela; no me explico que las imitaciones más ó menos disimuladas de cosas insulsas ocupen nuestra atención haciendo nos prescindir de lo

que estamos más necesitados, como es de nuevo espíritu, tan rico en matices y en giros extraños, hijos de la complicada psicología de los presentes tiempos. Hemos optado por la literatura espontanea, que no exige preparación ni discurso, y así sale ello. No creamos, no somos originales, y como es lógico, el sentimiento íntimo y completo, el alma entera puesta en una obra, es cosa desusada aquí donde no han escaseado los talentos castizos.

La juventud que en el período infecundo de la Restauración ha ido formando la retaguardia de las letras, es un aborto, y como la juventud representa la esperanza de una raza, escuso decir á ustedes el brillante porvenir que nos espera en el arte. Las frustrerías de los unos, la ñoñería de los otros, y la falta de grandeza ó de inventiva en todos anuncia una decadencia muy honda para que sea pasajera en la poesia, en la ciencia, en la política, en el complicado engruaje de esta sociedad sin guías.

Sobre el pensamiento de una obra francesa está escrita la zarzuela en un acto que con el título de *El vivo retrato* se há estrenado en Eslava, y en verdad que en el tal arreglo, imitación o lo que sea, no demuestra su autor, el sr. Eduardo Villegas, dotes de ingenio.

El juguete de que trato es una de tantas obrillas que ni agradan ni molestan al público, y debido acaso á su insignificancia consiguen pasar, ó gracias también á la indiferencia de los espectadores que estaban de buen talente la noche en que se representó por vez primera. Y merecía no haber pasado, que el argumento peca de inverosímil, siendo grotescas algunas de sus escenas, y la viveza y animación de las situaciones en que abunda no son bastantes á compensar lo mal hilvanado de la obra.

La música que los maestros Torregrosa y Valverde (hijo) han compuesto para *El vivo retrato*, suene alegremente en los oídos, tiene color y está habilmente instrumentada. Sin ser una maravilla, supera al libro en tercio y quinto.

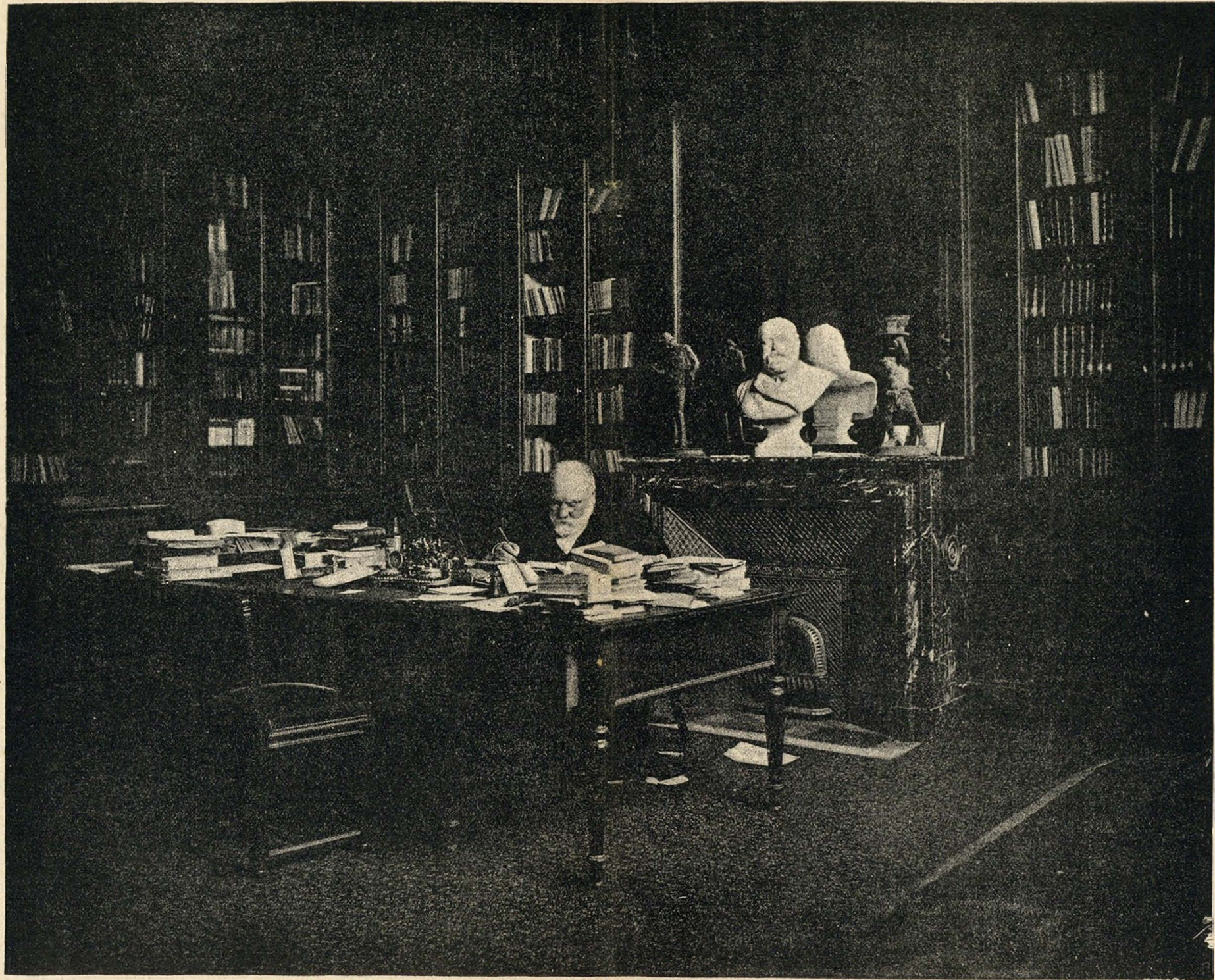
*

Al primer tapón, zurrapas. *El subsecretario*, el número uno de los estrenos de la temporada en Lara, há sido un fracaso para su autor el sr. La Guardia. Ideo éste un asunto sin interés, y es lógico que no escuchara los aplausos del público. Otra vez que le tiene el teatro, que atrae como el iman al acero cuando se persigue ese sol de cartón dorado llamado la gloria, procure no presentar una reunión más ó menos cursí, como lo há hecho en *El subsecretario*, pues le dirán que en *Los martes de las de Gomez* y en *La soirée de Cachupin* existen iguales pinturas sociales, aventajando á la suya en donaire y naturalidad. Y pasemos a otro asunto.

*

La empreza del teatro Español, há dispuesto que en la inauguración de la actual temporada se ponga en escena *El desden con el desden*, y le quedamos por ello agrade-cidos. Nos ha procurado un deleite artístico, difícil de alcanzar en estos tiempos de mercantilismo, y al escuchar los discretios de Moreto, nos creimos transportados á la época lejana en que el arte era sencillo, un recreo del alma.

CELEBRIDADES ESTRANGEIRAS



SARCEY NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Sin las facultades creadoras de Lope y Calderón, á quienes les tomó varios argumentos, les aventajó en la fuerza comica en la que puede considerarse como el más sobresaliente del teatro antiguo español. También les supera en haber evitado el vicio del culteranismo en que ellos cayeron; en la acertada elección de los lances, presentados con poco artificio y mucha corrección, y en el estilo tan facil y natural que causa la desesperación de quienes hoy alardean de estilistas.

Moreto en *El desden con el desden*, se nos muestra tan conocedor del corazon humano, que casi oscurece á Molière. El poeta francés imitó esta comedia en su *Princesa de Elide*, y hay que convenir que la propiedad de los caracteres, la naturalidad y el chiste de todo el conjunto que tiene la obra original, se convierte en impropio, débil y violento en la imitación ó arreglo del autor de *El Avaro*.

Hasta en sus numerosas piezas de Santos, llenas de los disparates que exijia el gusto de entónces, respiran su agudo talento y sal cómica que Martinez de la Rosa coloca por cima de la de Terencio.

*

La marcha de Cádiz, zarzuela en un acto de Celso Lucio, tiene un asunto poco original basado en un *quid-pro-quo* injustificado; del retruécano abusa mucho el autor y en la gracia le falta finura; pero el diálogo es alegre y la escena con que termina la obra es capaz de hacer reir con toda la boca abierta á un hipocondriaco. La música de Valverde corre parejas con la letra.

Y aquí entra la mala, lector discreto...

Sinceridad es un mal ensayo dramático, en él que há demostrado el sr. Turado de la Parra que maneja bien la rima y pesadamente los personajes; de *La Chula*, zarzuela en un acto de los sres. Alfaro y San José, sólo diré que fué rechazada con sobrada razón; *Los millionarios* son unos pobres diablos merecedores de compasión por lo escasos que andan de gracia, y en cuanto al *Barbero de Sevilla* de Fiacro, es una tontería que no guarda relación con la comedia de Beaumarchais, de la cual dijo Taine: «un día se pintó á si mismo, con su alegría, sus expedientes, sus irreverencias, sus recursos, su valor, su bondad, su palabra inagotable, y así pintó sin quererlo el retrato del verdadero francés.»

E. ALONSO ORERA.

DE PARIS, 20 d'Outubro.

No Odéon. — *Don Carlos* de Schiller e o desempenho que teve. — *Fiasco* do drama historico pelos processos realistas. — A *Reine des Reines* no Eldorado. — A Opera Russa. — Glinka fóra de moda. — Desempenho inferior. — O *Tonyto* no *Nouveau Cirque*. — Rosita Tajero. — Na *butte* Montmartre. — Novos theatros. — O *Carillon*. — O ensaio geral da *Pou-pée*.

O velho e historico drama de Schiller, o *Don Carlos*, adaptado á scena franceza por Charles Raymond, não obteve no classico Odéon o successo que muitos criticos, amigos de Antoine, esperavam. Foi quasi uma desillusão mesmo! Os papeis mal distribuidos, os actores representando portanto mal e tudo resentindo-se ou de falta d'ensaios ou pelo menos d'uma boa direcção. E' esta a opinião geral.

Decididamente o velho Odéon não é para essas folias. Querer applicar a sem-cerimonia do theatro livre ao repertorio classico por excellencia é quasi uma loucura. E é d'esse acto de pouco senso critico que se queixam hoje todos.

Conhecem, decerto, o bello e soberbo drama do grande poeta allemão. Pelo seu character pesadamente classico requer uma interpretação academica. Antoine, que tanto fóro theatral demonstrou durante o tempo em que dirigia o theatro livre, parece não ter agora olhos nem ouvidos, — porque d'outra forma não podemos explicar a serie de desastres porque tem feito passar já o Odéon, desde a primeira noite em que o classico theatro da margem esquerda abriu sob a sua direcção, tão afamada!

Se o ensaio geral foi um desastre, a primeira representação foi o maior dos desapontamentos. Aparte Taillade e Albert Lambert, os outros actores até nem sabiam os papeis convenientemente. Das mulheres nem é bom falar: Os novos directores do Odéon quizeram reformar a *troupe* e puzeram fóra do theatro as artistas de valor para dar entrada a muitas inutilidades, aparte duas ou tres recrutas d'alto merito.

Agora annuncia-se para breve a obra d'um novo, o *Danger* de Arnault, um jornalista parlamentar que n'estes ultimos annos, trabalhou no silencio do seu gabinete, architectando peças dramaticas que nunca sabiam da gaveta da secretária onde escrevia. Os directores do Odéon estão muito contentes com o novo trabalho que vão apresentar ao publico e esperam, com o *Danger*, reconquistar a estima e o applauso da critica.

A peça de mr. Arnault é uma comedia psychologica. Trata-se da inclinação que as mulheres teem pelas situações perigosas que attraem sempre as almas femininas. Estes estudos de psychologia interior são quasi sempre mais interessantes nas columnas da *Revue des Deux Mondes* do que sobre a scena. Para serem bem tratados no theatro requerem um pulso valente, mão experimentada e sua boa dose de talento.

*

Um salto do Odéon ao Eldorado, — por cima do Sena e d'outras cousas mais. Apesar de que se trata igualmente d'um meio *fiasco*: a *Reine des Reines*, a nova operetta de Flers, com musica do tão afamado Audran.

O assumpto é todo parisiense: a historia da *mi-carême*, a festa das lavadeiras e dos estudañtes.

A musica não tem grande relevo e escuta-se com certo agrado, mas não se parece nada com o que sabemos e conhecemos do bom Audran.

O desempenho soffrivel, quasi excellente de parte de varios artistas. A *mise-en-scène* esplendida. E *costumes* muito suggestivos... sobretudo no segundo acto. Varias

comparsas e coristas apparecem deliciosamente despidas.

De resto, o que seria d'uma peça moderna em Paris em que as actrizes escondessem as formas divinas com que a Natureza as dotou? Uma falta d'estas provocaria quasi uma revolução no *boulevard*.

Resumindo-se, — passa-se uma noite muito agradável no Eldorado e a *Reine des Reines* deve dar ainda umas cento e tantas casas excellentes.

*

Mas que pepineira, — permitta-se-nos o plebeismo! — a opera russa no *Nouveau Théâtre*.

Se a representação da *Vie pour le Czar* tinha por fim fechar com chave d'ouro a serie das festas russas, o resultado foi desgraçado. A opera de Glinka é já bastante antiquada, com italianismos hoje bastante avelhados. A arte lyrica russa mudou muito desde 1836 para cá, felizmente. Se essa obra é popular nas provincias russas é porque, fóra Moscow e Petersburgo, Odessa e Kiew, Sebastopol e Cronstadt, o resto da Ruissa pouco tem progredido.

O episodio dramatico da *Vida pelo Czar* é curioso mas... *c'est tout*. Mas os seus côros fastidiosos e interminaveis, as suas fiorituras que se recentem de Bellini e Donizzetti, tornam esta obra muito inferior, sobretudo n'um publico que conhece o que é bom, que entende Wagner e Berlioz, educado por milhares de concertos classicos e soberbas orquestras como a de Colonne e Lamoureux.

Agora temos que falar dos artistas. Tudo muito mau. Dir-se-ia que estavamos ouvindo a *Vida pelo Czar* n'algum theatro lyrico d'amadores de Traz-os-Montes ou interior das duas Beiras. A não ser Devoyod, que tem sempre uma bella voz sonora e bem timbrada, e a joven debutante M.^{me} Nady, que se julga no entretanto uma futura Patti, quando é apenas uma cantora de grande futuro, — no resto nem é bom falar.

A opera russa foi uma tentativa exotica destinada a morrer em breve. Nem mesmo o quadro final com Moscow em festa pode arrancar sinceros applausos. Mais um *fiasco* a registrar entre os outros *fiscos* da semana.

Felizmente que ao lado da Opera Russa se encontra o *Casino de Paris* com raparigas deliciosas, can-can e o resto. Foi ali que fomos carpir a noite mal passada com a opera de Glinka!

*

Acha-se n'este momento em Paris, trabalhando no *Nouveau Cirque*, um artista portuguez que tem merecido a attenção do publico parisiense: o *clown* Antonio Santos, o *Tonyto*, tão conhecido e tão applaudido nos circos de Hespanha, França, Allemanha e Italia, o maior e o mais habil saltador que temos visto. Tem um irmão Eduardo que tem talvez oito para nove annos, mas que já se prepara para trabalhar em breve, com o *Tonyto* nos outros circos europeus.

O *clown* portuguez é um discipulo, o melhor ou talvez o unico do celebrado Tony Grice. Nasceu em Lisboa e debutou no velho Salitre. Ultimamente percorreu, em triumpho, as principaes cidades de Hespanha e hoje o

seu trabalho do circo constitue um dos numeros talvez o mais escolhido e o mais curioso do espectaculo. O publico parisiense applaude-o todas as noites com enthusiasmo.

*

Acha-se tambem n'este momento em Paris a bailarina hespanhola, a tão applaudida *estrella da Andaluza*, a deliciosa Rosita Tajero que Chicago e New-York, como Paris e Madrid, consideram como a mais gentil de todas as bailarinas de genero.

Rosita Tajero deve debutar aqui no Olympia, — o *music-hall* do *boulevard des Capucines*. O publico parisiense, que tem por ella uma idolatria, deve fazer-lhe uma ovação extraordinaria quando, de novo, a vir bailando sobre um palco do *boulevard*.

*

Lá no alto da *butte* sagrada, no glorioso Montmartre a que Sarcey dedica os melhores trechos dos seus folhetins, reabriu-se o *Théâtre Salon* com varias pantomimas de valor e uma revista de salão muita engraçada. Não se imagina a voga que por aqui vão tendo os chamados *théâtres à coté*, — onde se encontra um publico muito escolhido e artistas de verdadeiro talento. De resto, os preços dos logares não são baratos e os espectadores masculinos assistem, nos *fauteuils*, de casaca e lenço branco, com todos os requintes das terças feiras no *Français* e das noites d'assignatura na Opera.

E sem sair da *butte*: a *Cigale*, o *Livian Japonais*, a *Gaité Rochechouart* e o *Trianon* estão hoje disputando com real successo muitos theatros do centro de Paris. O publico acostumou-se a Montmartre e não ha meio de o fazer afastar da *brasserie du Neant* ou do *caboulot* do Alexandre que segue as pisadas do seu mestre Bruant, — hoje renegado infecto que, em *parvenu* reles d'operetta, insulta o publico que o ajudou a enriquecer, enthronisado n'um burgo provinciano, onde se apresenta como o derradeiro dos senhores feudaes... de revista do anno...

NOTICIAS VARIAS

— Um novo theatrinho de canções: o *Théâtre Fompadour*, na passagem da Opera, *boulevard* dos Italianos.

— O *Carillon*, a operetta-magica que deve sublr á scena nas Variedades, tem tres actos e seis quadros de Ernest Blum e Paul Ferrier, musica de Serpette. Eis os quadros: A Praça real da Ilha Amorosa, a Sala do throno, a Floresta Virgem, o Moinho, o Gabinete dos telescopios e o Carrilhão do amor e festa veneziana.

— A *ultima hora*:

Vimos do ensaio geral da *Poupée* de Maurice Ordonneau, musica de Edmond Audran, na *Gaité*. Gostámos muito. Parece-nos que será um successo. Não é bem uma operetta, é uma opera-comica. O primeiro acto passa-se n'um convento, o segundo acto n'uma loja de brinquedos e o terceiro no paiz imaginario de Tamponville. Delicioso o bailado dirigido por Mariquita.

A *Poupée* (*A boneca*) era uma excellentes peça para o nosso publico, porque o assumpto deve agradar a todas as platéas. Tem numeros de musica deliciosos que se devem popularisar em breve. Emfim, crêmos que d'esta vez nos reaparece o Audran d'outras eras para nos fazer esquecer o maestro da *Reine des Reines*.

Do PORTO. — Outubro, 25.

Encetando hoje as correspondencias theatraes d'esta cidade, desejava reconhecer a amabilidade de vv. cedendo-me um logar no seu jornal, com o que muito me honram, e oxalá eu esteja á altura do merecimento d'essa revista em assumptos theatraes; mas não poderei talvez cumprir com o meu dever por insufficiencia propria e carencia de assumpto. Todavia, procurarei fazer uma leve resenha do que se passar nos nossos theatros ainda que n'um meio ingrato ás manifestações da boa arte.

A arte dramatica encontra-se n'um estado de decadencia bem accentuado. apesar das energias empregadas ao presente em salvar o theatro do abatimento em que permanece.

Nada admira que a arte se encontre n'esta tristissima phase, porque n'um paiz em que os costumes soffrem uma grande depressão, o cerebro não tem vôos altos, e os seus productos hão-de fatalmente resentir-se da fatalidade do meio que impressiona a sensibilidade collectiva.

Se por vezes ha manifestação do intellecto protestando contra os aleijões que se exhibem nos theatros do paiz, contra a tendencia em applaudir a immoralidade n'um templo onde ella era antigamente condemnada, contra o sestro em fazer da Arte a Messalina das platéas, esse esforço honrado, nobre e generoso dos poucos que prezam as letras, não consegue despertar o gosto nem abrir uma brecha de luz n'esta derrocada.

Em todo o caso é para louvar essa energia em produzir trabalhos que honrem e elevem o theatro nacional e depurem o gosto das platéas.

Feitas estas ligeiras considerações, que davam margem a largo estudo critico, passemos a exarar a nota das nossas impressões, taes como as recebe quem vê as coisas desapassionadamente, procurando orientar-se pela verdade e pela justiça a quem promettemos homenagem sincera.

Abriu aqui a epocha theatral o popular theatro da Trindade (antigo Chalet) com a representação d'um dramalhão *Lobos de Paris*, extrahido d'um romance de J. Mary pelo jornalista Sousa Rocha. A companhia d'este theatro tem alguns artistas de merecimento taes como Roque, C. Santos e Rosa de Oliveira, e sendo o theatro frequentado unica e exclusivamente por populares, conseguem fazer-se applaudir e *patear* entusiasticamente todas as noites. Annuncia-se porém já uma parodia ao *Braçileiro Pancreacio* com o titulo invertido. O theatro de D. Affonso tambem abriu as suas portas, a 3 do corrente, completamente retocado e pintado. Parecia-nos á primeira vista um barracão novo. A peça escolhida para a estreia foi a *pochade* em 3 actos de Swalbach *Os filhos do Capitão Mor*. Muitos que conheciam a peça não agouravam bem d'ella. Depois de ser posta em scena confirmou-se desde logo o agouro não se lhe dando muitos dias de existencia; no entanto lá se foi arrastando como poude até á 15.^a representação o que em todo o caso já foi um triumpho para o auctor que viu o seu trabalho premiado com applausos e prendas dos seus amigos e admiradores.

Não é meu intento fazer a critica da peça, porque d'ella largamente se occupou a imprensa da capital. Não se pode dizer que seja uma peça bem feita, nem foi essa a

intenção do auctor que, pode dizer-se, está no começo da sua carreira, bem conhecendo que a perfeição vem só com muito trabalho. Em todo caso, a peça tem algumas scenas bem urdidas e revella aptidões que collocarão o seu auctor n'um futuro bem proximo em um plano só dado ao talento.

Gervasio Lobato que tem o seu nome vinculado á Arte e a sua alma repartida em muitas producções que a honram, deixou um logar vago e que se acha a concurso. E' concorrente a este, o auctor da peça mencionada. Mas ainda não exhibe documentos de habilitação para bem preencher o logar; comtudo é o que mais probabilidades tem de conquistal-o, mercê do seu talento artistico e indole trabalhadora.

Os *Filhos do capitão-mór* não agradou entre nós, apesar de José Ricardo lhe agourar larga copia de louros... e ver na peça o seu *prato de resistencia*.

A distribuição dos papeis soffreu alguma alteração e o desempenho d'elles, para sermos justos, em geral não nos agradou, desviando-se bastante da precisa correcção. A desharmonia do conjuncto havia indubitavelmente de prejudicar a peça nas scenas de mais effeito.

Lucinda substituiu Cinira, imprimindo bastante relevo ao seu papel, sobretudo no primeiro acto. Nos outros dois actos já nos não agradou tanto. José Ricardo, Emilia Eduarda e Luz Velozo bem. Firmino, Gomes e Aurelia mal. Gomes, sobretudo, exaggerou o seu papel de uma maneira inaceitavel. Deixamos para o fim a actriz Maria Pinto que não era conhecida da nossa platéa; foi a unica que agradou no desempenho geral. Dos outros artistas nem vale a pena falar; fizeram o que poderam.

Hontem deram-nos, no mesmo theatro, a *première* da *Cossaca*, com o atractivo da estreia da novel actriz conhecida no *demi-monde* por Maria Pimenta, e no theatro por Maria Castro.

Lucinda do Carmo tem aqui a sua corôa e o que ella vale na *Cossaca* já ahi o sabem. Teve de hisar o *duetto da Benedicta* e repetir cinco vezes a *canção da Espiga*. José Ricardo desempenhou a contento da platea o *Julio Primitivo*, mas imprimiu ao seu papel uma nota um tanto sonsa, de modo a tornar o personagem, que me parece deve possuir uma certa cultura, um caixeiro viajante parisiense, e que mais parecia um caixeiro que viaja pela Lourinhã do que viaja pela Russia; no entanto agradou á platea e é o que elle desejava.

Gomes, no *principe Gregorio*, reproduziu o personagem dos *Filhos do capitão-mór*: a mesma inflexão de voz, mesma *pose*, parecendo um manequim a quem apenas mudaram o fato. Sendo um actor muito regular, é para sentir que não estude melhor os seus papeis. Santos Mello no *principe Fedor* houve-se discretamente. Emilia Eduarda, aparte uns exaggeros de caracterisação, é sempre a mesma actriz conscienciosa e correcta. Occupemo-nos por ultimo, da debutante que mostrou tendencia para a comedia; comtudo o papel que tem n'esta peça é tão insignificante que não pode salientar-se.

Agora que esta «Revista» se tem occupado de *toilettes*, o que é de superior importancia, pois é preciso tambem distrahir os olhos com coisas que agradem, notamos que as luvas brancas que a debutante usa n'esta peça, são de mau effeito, por isso que tornam mais saliente o tom moreno e bem moreno do braço nu.

A peça agradou e deve conservar-se largo tempo no cartaz.

Abre hoje a epocha de inverno o theatro do Principe Real com a estreia de uma companhia de zarzuela representando a *Marina e Musica classica*. Verei e depois falarei. Como vêem, tambem por aqui ha invasão de companhias estrangeiras.

Uma novidade em primeira mão: informam-me que o José Ricardo incumbiu o meu amigo Jayme Filinto e Lopes Teixeira da traducção da *Mignonnette*, que elle tenciona apresentar no seu theatro.

Até á proxima.

L. F.



AS NOSSAS GRAVURAS

Gravamos hoje em o nosso jornal duas das maiores celebridades europêas; italiana uma, outra franceza—Duse e Sarcey.

De ambas ha pouco que dizer. De uma, Duse, que, ao contrario da Sarah que quer rivalisar, se encerra n'um mutismo cruel que é o mais grave pesadelo dos reporters. Da outra, Sarcey, porque tanto e tão a miudo se tem falado que ocioso será repetir o que quasi ninguem terá deixado de lêr.

Em todo o caso nós contamos em breve inserir, nas suas respectivas secções, uma apreciação sobre a Duse assignada por quem *de visu* a conhece, e um bello artigo critico sobre Sarcey, do afamado academico Jules Lemaître.



«VADE-MECUM» DO ACTOR

MAXIMAS E CONSELHOS PARA MEDITAÇÃO QUOTIDIANA

CX

Para a declamação comica toda a habilidade consiste na naturalidade e na pratica do mundo; ora a naturalidade não se ensina, e a pratica da sociedade não se estuda nos livros.

MARMONTEL.

CXI

O grande actor observa os phenomenos; o homem sensivel serve-lhe de modelo. Medita-o e a reflexão lhe aconselhará o que deve juntar-lhe ou cercear-lhe.

DIDEROT.

CXII

O conhecimento da lingua é indispensavel ao actor, bem como leituras methodicas que ensinem a historia dos povos. E' o menos que se pode fazer antes d'entrar para o theatro.

CAROLINA VAN-HOVE.

CXIII

E' na historia de todas as epochas que o actor se familiarizará com os personagens a que tem de dar vida.

DAZINCOURT.

CXIV

Quando uma peça não offerecer por si mesmo ao actor occasião de mostrar a sua sciencia artistica, é ao seu proprio talento que cabe fazel-o: elle é um mestre que não o illudirá.

PRÉVILLE.

CXV

Quando houver nos museus, nos palacios ou nas casas particulares, bons quadros historicos em exposição, não deixem de ir vel-os.

DIDEROT.

CXVI

Sem aprofundar a musica, é preciso estudar-lhe os elementos afim de conhecer a propria voz, tornar faceis as entoações d'ella, evitar a desafinação, graduar os sons, sustental-os, varial-os e dar aos accentos agudos ou lamentativos a modelação que lhes é indispensavel.

CLAIRON.



ESTUDOS E DOCTRINAS

ORIGEM DA ARTE DRAMATICA

(Estudo historico-litterario)

CAPITULO VII

Continuado de pag. 299

As regras da musica systematisada dos indios são extraordinariamente multiplicadas.

Ainda que hoje esta arte só apresenta d'ordinario trinta e seis modos em uso, no emtanto, segundo sir William Jones, e M. Paterson, ella se eleva a oitenta e quatro.

Pelo que escreveu Cicero, vê-se claramente, que nas tragedias, os instrumentos musicos

acompanhavam os actores, assim entre os gregos, como entre os latinos.

No Indostão, o canto publico é sempre acompanhado por instrumentos; e, «danças e cantos, diz César Cantu, acompanham sempre a representação.»

A uparupaki indiana, é mesmo, como já dissemos, uma especie de drama cheio de musica, e mui parecido com as operas d'hoje.

Um dos nossos classicos, um dos que melhor soube pintar os costumes indios, Fernão Mendes Pinto, dá-nos noticia d'algumas peças dramaticas, executadas pelas filhas dos nobres e dos soberanos gentios, onde o canto, a musica e a dança, fôrnam o principal motivo.

Estas peças, com quanto representadas, e talvez mesmo improvisadas ha tres seculos, nem por isso deixam de mostrar os costumes dos antigos indios, pois que, como advertimos no capitulo precedente, os usos d'este povo, mui pouco hão variado. Alguem, comtudo, pôde tentar de refutar os nossos argumentos e a opinião que temos emitido, bazeando-se em que as peças do theatro regular dos indios, não passam d'uma antiguidade de mais de dois mil annos.

Redarguiremos, que tal refutação é inconnexa, e de nenhuma força.

Em primeiro lugar, nós não fundamos a origem da arte dramatica no theatro já regular; seria um disparate só o conceber tal idéa.

Pelo contrario, já dissemos n'um dos capitulos anteriores, que a sua origem vinha da reproducção dos mythos e legendas das divindades brâhmaicas.

Vimos, a paginas 298, como nas festas de Krichna, se executou uma dança-mimica, encarregando-se os musicos de cantar *as estancias das composições em lingua pracrit, dos antigos poetas.*

Demais, os dramas indios são escriptos, como dissemos, em tres linguas diversas; o sanskrit, o pracrit, e outra linguagem mais vulgar. Ha muito que nenhuma d'estas linguas é fallada, o que vem provar a grande antiguidade do theatro; antiguidade, affirmada ainda pelos indios, que o reputam, como tambem já dissemos, creado por Brâhma, e portanto contemporaneo dos Vêdas.

Uma outra razão de que a origem da arte dramatica principiou com a representação dos mythos brâhmaicos, cantando-se ou recitando-se as estancias dos antiquissimos poemas gentios,

é que os indios chamando aos dramas rupa, ou rupaka, como sendo destinados a dar um corpo e uma fôrma a caracteres e sentimentos, o definem por — «poema feito para ser visto.»

Alguem pôde talvez estranhar que nas representações que atraz mencionámos umas personagens se encarregassem das partes mimicas e outras da declamação.

Pois nós não o estranhamos não o estranhamos, por quanto, n'uma epocha em que o theatro não estava na sua origem, mas sim no seu progresso, cento e vinte annos depois d'elle ser introduzido em Roma, vemos, n'esta cidade, este mesmo uso praticado pelo celebre poeta Livio Andronico.

E não só este costume prevaleceu na antiga capital do mundo, mas progrediu com grande effeito, como referem Tito Livio, Valerio Maximo, e Santo Agostinho.

Notaremos ainda, que se as peças mais regulares do theatro indio, como as de Kâlidâsa, datam d'uma antiguidade approximadamente de dois mil annos, o theatro já devia existir na India muitos seculos antes, para chegar ao apogeu d'esplendôr em que n'aquella epocha se achava.

E é tanto mais forte esta razão, quanto a marcha do progresso entre os indios, é lenta e vagarosa.

O drama de *Jeadeva*, um dos mais antigos que se conhecem, é quasi desprovido de fôrmas scenicas; comparado aos de Kâlidâsa, parece levar-lhes a prioridade de seculos em antiguidade.

Se na India se não encontram outros dramas mais antigos, ou é por a litteratura indiana se achar ainda mui pouco explorada, ou por elles se perderem antes de chegar até á nossa epocha, como tem acontecido a outras muitas obras, tanto da India, como da Grecia e d'outros povos.

Na Grecia, segundo os historiadores, a trygodia, ou tragodia, de que nós fizemos tragedia, viu a luz na Attica. Ella nasceu em honra de Baccho e de Céres, quando lh'entoavam canticos e louvores, na epocha das vindimas e das segadas.

Conclue.

LICINIO F. C. DE CARVALHO.



EPHEMERIDES THEATRAES

RELATIVAS A PORTUGAL

(Vide *Revista Theatral*, 1.ª serie)

17 de outubro

1842 — Determina-se que seja denominado *Theatro Nacional de D. Maria II* o que se estava construindo na praça de D. Pedro em Lisboa.

1882 — Primeiro concerto do quartetto austriaco no Colyseu dos Recreios.

O quartetto austriaco compunha-se de Fanny, Maria e Amelia Tschamps e Mariana Galówitsch (contralto), David Proper, violoncellista celebre, e Emile Sauret, um dos mais notáveis violinistas. Foram vivamente applaudidos. Karl Stasleny, pianista distincto, foi ouvido com frieza. O *quatuor autrichien* cantava canções que não agradaram.

19 de outubro

1845 — Estreia-se em S. Carlos o joven tenor portuguez Joaquim Antonio Miró, filho do notavel compositor do mesmo nome auctor das operas *Marqueza*, *Virginia*, *O Somnambulo*, *Atar* etc.

A estreia foi com a opera *Linda de Chamounix*. Agradou mas depois abandonou o theatro.

1879 — O coronel russo Daniel Broon e miss Mill Carlotta apresentam no circo do Price os seus leões africanos e executam com elles perigosos e arriscados exercicios.

20 de outubro

1879 — 1.ª sessão de thaumaturgia e de phonographia dada no theatro da Trindade por Mr. Barjean de Verovels.

21 de outubro

1836 — Primeira representação da opera do maestro Miró *Atar*, ou o *Serralho de Ormuz*, desempenhada pelo Brighenti, Furlani, Maggiarotti, etc.

23 de outubro

1871 — Funda se a sociedade do theatro do Principe Real com o capital de 5.000,000 réis. (D. G. 240) Foi depois dissolvida.

24 de outubro

1854 — Primeira representação das *Intrigas no Bairro*, comedia em 2 actos do sr. Luiz de Araujo.

Foi no theatro da Rua dos Condes pela festa artistica da actriz Luiza Leopoldina Fialho.

1868 — Primeira representação no theatro do Principe Real, em Lisboa, da opera comica *Flor de Chá*, de costumes chinezes e posta em scena com extraordinario esplendor pela empreza Santos & Pinto Bastos.

No theatro da Trindade representava-se então a mesma peça com uma riqueza de scenario deslumbrante.

1877 — A actriz Jacinta Pezzana representa em homenagem ao actor José Carlos dos Santos o magnifico drama *Soror Teresa*, o mais precioso florão da sua deslumbrante corôa d'artista.

O actor portuguez e a tragica italiana dão um abraço fraternal em scena.

26 de outubro

1826 — Primeira representação do *Mahomet* do maestro Rossini, em S. Carlos, desempenhado pela celebre Sycard Pietralia, Ravaglia, Cartagenova, etc. (Empreza Marrare).

1836 — Uma deputação de socios do Conservatorio, composta do conde de Farrobo, Almeida Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Antonio Feliciano de Castilho e Caerano Martins, propõe ao governo a cerca do extincto convento de S. Francisco da Cidade para ali se levantar o Theatro Nacional em honra da senhora D. Maria II e que o dito theatro se ficasse denominando *Theatro da Gloria*.

27 de outubro

1860 — Decreto permittindo todos os espectaculos nas quintas feiras a não ser que estas cahissem em dias santos. Era uma especie de odioso monopolio que havia em favor do Theatro Normal.

28 de outubro

1847 — Concede-se o subsidio de 6.000,000 réis ao theatro de D. Maria. Decreta-se o regulamento, policia e disciplina do palco, bem como certas disposições para a leitura, censura e desempenho das peças dramaticas.

1869 — Primeira representação no theatro do Principe Real do drama de Victorien Sardou *Os Solteiros*, traducção de Latino Coelho (*Les vieux garçons*).

Esta peça tornou se notavel no nosso theatro pelo desempenho que lhe deram Antonio Pedro e José Carlos dos Santos (nos papeis de *Veaucourtois* e *Mortimer*).

29 de outubro

1860 — Estreia da actriz Soller e do actor Pinto de Campos em D. Maria com o drama *Culpa e Castigo*.

1861 — Representa-se no Rua dos Condes a drama historico — *1640 ou a Restauração de Portugal* — Foi escripto por Duarte de Almeida Araujo.

30 de outubro

1860 — Providencias para se organizar uma estatistica theatral.

1877 — Beneficio da actriz Pezzana com o drama de Antonio Ennes *Um divorcio*, escripto expressamente para esse fim.

Foi uma ovação á actriz e ao actor.

31 de outubro

1831 — Nascimento do actor Ruyundo de Queiroz Sarmiento filho do alfaiate Matheus José de Queiroz Sarmiento, então estabelecido na rua Augusta á esquina da travessa de Santa Justa

1850 — Abertura do celebre *Baile Nacional* sito no antigo largo da Guia. Foi a primeira casa que em Lisboa se constituiu de proposito para *soirées* dançantes á imitação do *Mabile* em Paris. O baile nacional fez nascer a ideia dos famosos recreios da *Floresta Egypcia* de José Osti e depois á creação do Casino no largo da Abegoaria.

O *Jardim Mythologico*, é muito anterior á Floresta. Era situado ao Calvario e n'elle havia divertimentos de toda a ordem.

1854 — Debuté no theatro de S. Carlos da primeira dama

absoluta Marietta Alboni (depois condessa de Pepoli) com a opera *Cenerentola*.

Deu 34 representações sendo a ultima da serie a *Semiramis* em 22 de março de 1855. A despedida da celeberrima cantora teve lugar em 17 de abril.

SILVA PEREIRA.



VARIEDADES

Em D. Maria ensaia-se o *Judeu Polaco* de Erckmann Chatrian, com Brazão no papel de *Mathis*, a que se seguirá a *Alma Doente*, a nova peça do sr. Marcellino Mesquita. No Gymnasio a primeira peça que sobe á scena é a *Irmandade do Palmito*, a que seguirão *Ma Camarade* e a *reprise da Jucunda*, para beneficio da Beatriz. No Rua dos Condes pensa-se na *Grã-Duqueza* com a Angela Pinto; no 8, original de D. João da Camara; na *Fiancée en loterie*, traducção de mesmo. No Trindade a *Gata* vae em breve ser substituida pelo *Braçileiro Pancrácio*; depois *Falote*, o grande successo de Paris, de libretto chôcho e de musica difficil. Quem a cantará? Fala-se mais na *Princesse Colombine*, no *Fausto Petiz* e na *Revista*, por onde talvez mais valera ter começado.

Mas d'isto tudo que se diz ao que realmente fôr, bom propheta será quem lhe adivinhar a differença.

Lisboa foi a segunda capital da Europa que ouviu o celebre homem-soprano sobre quem, segundo ha tempo transcrevemos de um jornal estrangeiro, ha duvidas se é homem ou mulher. Mulher ou homem, parece porém, não ser coisa para tanto barulho.

Recebemos do auctor e muito agradecemos o *Anuario das Intrigas do Bairro* para 1897, publicação que substitue o antigo *Almanach Luiz d'Araujo*. O volume é agora augmentado com um grande numero d'annuncios que o tornam mais util e curioso.

Não abriram com o pé direito os theatros de Milão.

No Theatro Lyrico Internacional a *Vivandeira* de Goudard não agradou. No Commenda tambem cahiu: 3.º d'*Ussards* a que, segundo dizem os jornaes, falta tudo: libretto, musica e desempenho. A *Virgem Branca*, dramalhão novo de molas antigas, foi pelo buraco do ponto do Fossati. O *truc* da *Virgem* era acabar indo tudo pelos ares com dinamite. Não pegou. No Manzoni representouse *Padre* de Strindberg: N'esta peça, atravez do sombrio da accção e do aborrecimento produzido por algumas scenas, a critica reconhece as grandes qualidades do drama, censurando asperamente os traductores que tanto resumiram o texto ou tão mal que deixam muitos pontos incompreensíveis. Em seguida deu o mesmo theatro a *Brava gente!* de Byron, uma especie de *pochade* com pretensões. Byron é o auctor da tão representada comedia ingleza, *Our boys*, em que foi indiscutivelmente mais feliz na opinião de alguns jornaes italianos. O theatro tem dado peças velhas como a *Guerra em tempo de paz* e os *Deshonestos*, prova de que a fertilidade não é grande tambem por lá.

Novelli está representando no Eldorado de Barcelona. Já deu a *Bisbetica domata*, *Luigi XI*, *Amleto*, *Il Ludro*, etc., mas parece que, como no Porto, é maior o enthu-

siasmo dos jornaes do que o do publico, que não concorre muito ao theatro. Novelli fez, ao que dizem e pela primeira vez, o *Fausto* de Goethe.

Sempre è certo ter morrido Abbey, o emprezario americano socio de Grau a quem nos referimos ha tempos a proposito da quebra da empresa que ambos dirigiam no Grande Metropolitano de Nova-York.

No theatro real de Stockolmo, a primeira acriz tanto se impressionou com a attitudo do publico na noite de uma primeira representação que subitamente perdeu o uso da voz. Um medico presente, especialista de doencas nervosas, reconhecendo que ella era apenas victima de uma crise de nervos, hypnotisou-a, suggerindo-lhe que devia apparecer immediatamente em scena e representar o melhor que podesse e soubesse. A actriz assim fez e o publico que ignorava tal acontecimento, ficou doido d'enthusiasmo...

Não diz o jornal d'onde tirámos a noticia se isto é reclamo á actriz ou ao medico.

Verdi fez 83 annos no dia 10 de outubro. O numero de felicitações recebidas de todo o mundo, foi incalculavel.

No dia 11 d'outubro fez 93 annos que pela 1.ª vez se representou em Milão a opera de Zingarelli: *Ignez de Castro*.

Ibsen e Bjoernson vão ser consagrados em vida. Terão duas estatuas na fachada do novo theatro que se está construindo em Christiania.

Está provado pela estatistica que a bicycletta faz prejuizos superiores a 50 0/0 aos emprezarios de theatros e aos fabricantes de pianos.

Os musicistas deitaram as garras ao repertorio de Sardou. Abocanhal-o-hão todo, creiam. Já lá vae a *Tosca*, a *Fedora* e quantas mais!...

Imaginem o espanto e o riso dos espectadores do theatro de Liège quando, na mimica do *Urso e da sentinella*, viram o urso benzer-se com a maior unção ao ouvir o estampido de um trovão medonho!

— Então que aptidões demonstrou já para querer entrar no theatro, pergunta o emprezario.

— Aguentar tres dias sem comer, responde o pretendente a actor.

Paganini tocava n'um concerto a celebre *preghiera* do *Moyés*, n'uma só corda do seu violino.

Fez-se tarde e o grande violinista tomou um trem para ir para o theatro.

— Quanto é? perguntou ao cocheiro quando chegaram

— Dez francos... por ser para si.

— Como, por ser para mim?!

— Porque é o preço que o senhor leva por cada logar para ouvir-o.

— Ah! tem razão... N'esse caso dar-lhe-hei os dez francos quando você me trazer n'um carro tambem d'uma roda só.

No D. Amelia haverá este inverno companhias hespanhola e italiana.